

Universidade Estadual de Campinas

**Faculdade de Educação
Coordenação de Pedagogia**



1290001958



FE

TCC/UNICAMP M338c

**A concepção de infância na sociedade de
consumo, influências da mídia.**

210504286

ANGÉLICA J. ALVES MARINZEK

**Campinas – SP
2004**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Bib id 344708

UNIDADE.....	F.F.
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
M338c	
V.....	1958
TO.....	86/2005
PA.....	X
CL.....	
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	30.03.05
Nº CPD:	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Marinzek, Angélica Joana Alves.
M338c A concepção de infância na sociedade de consumo : influências da mídia /
Angélica Joana Alves Marinzek. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Sérgio Ferreira do Amaral.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Infância. 2. Mídia educativo. 3. Consumo. 4. Educação. 5. Professores -
Formação. I. Amaral, Sérgio Ferreira do. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-250

Universidade Estadual de Campinas

**Faculdade de Educação
Coordenação de Pedagogia**

**A concepção de infância na sociedade de
consumo, influências da mídia.**

por

ANGÉLICA J. ALVES MARINZEK

Texto correspondente a versão
final do Trabalho de Conclusão
de Curso apresentado como
exigência parcial para obtenção
do grau de Licenciatura em
Pedagogia, sob orientação do
Prof. Dr. Sérgio Ferreira do
Amaral.

Campinas – SP
2004

*Dedico este trabalho à pequena Isadora
Pela inspiração e compreensão por minha ausência,
Já em seus primeiros dias de vida*

RESUMO

A infância, período que deveria durar até 10 anos, do nascimento a adolescência, diminuiu. Por fatores diversos, como mudanças na estrutura familiar, mães trabalhando o dia inteiro, pais e mães cada vez mais ausentes e televisão ligada 24 horas, as crianças passaram cada vez mais cedo a comportar-se como adultos.

Isto explica o fenômeno de incorporação da criança à sociedade de consumo: quando deixou de ser filho do cliente e ascendeu ao status de cliente, principalmente se pensarmos que segundo a UNESCO (1998) 37% da população brasileira são de crianças, a “adultificação” da criança passou a ser um negócio rentável.

O surgimento de indivíduos consumidores é o reflexo de um sistema social, que tem na mídia um dos seus mais expressivos arautos, e nesse sentido, não discriminam adultos ou crianças. As mudanças na sociedade, a indústria cultural e a constituição da infância como mercado promissor e moderador de indivíduos, têm delineado o perfil do nosso tempo.

Este estudo, têm como propósito, através de uma revisão bibliográfica, permitir uma análise sobre a concepção infância, do surgimento desta concepção, que veremos existe a menos de 400 anos, até os dias atuais, quando está fadada a desaparecer.

Iniciarei o estudo, primeiramente preocupando-me em situar os acontecimentos históricos, para demonstrar como surgiu a idéia de infância, e em seguida tentarei demonstrar como ocorreu a transformação da infância enquanto estrutura social.

Finalizando, proponho meios para evitar o declínio ou o desaparecimento da concepção da infância, tendo a mídia como parceira.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
REFLETINDO SOBRE A INFÂNCIA.....	3
O INÍCIO DO FIM DA INFÂNCIA.....	9
DE CRIANÇAS PARA ADULTOS EM MINIATURA.....	19
RESISITINDO AO DECLÍNIO DA INFÂNCIA.....	24
INFÂNCIA E MÍDIA.....	29
EDUCAR PARA A MÍDIA- UMA REALIDADE?.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	39

INTRODUÇÃO

Esta pequena reflexão, tomou sua forma mais acabada, após um passeio que fiz em dos ícones da pós-modernidade: o Shopping Center. Foi lá que atentei, com mais acuidade, para um fenômeno que já há algum tempo, anda espantando especialistas: “a criança em miniatura”.

O que observei naquele passeio, sei hoje, é apenas uma face visível mas menos considerada nos seus perigos, do fenômeno do desaparecimento da infância. O que vi naquele dia?

Por todos os cantos, surgiam meninas impúberes vestidas com roupas curtíssimas, apertadas, transparentes, enfim, meninas que eram expressões caricatas da mulher adulta. De outro lado, meninos (mal saídos da “antiga infância”) observavam atentos estas “pequenas mulheres”. Reunidos em grupos, ou em bandos maiores, estes meninos insistiam em realizar uma espécie de competição para ver quem dizia uma frase “impublicável”. Por vezes, estes grupos se deslocavam em perseguição às pequenas mulheres, principalmente das que estavam vestidas de forma mais sumária. Quem sabe, a esperança acalentada por eles era a de poder “ficar” com alguma naquele dia, ou ao menos conseguir o número do celular, que esqueci de mencionar, fazia parte dos acessórios de todos eles.

Olhar este movimento, onde “caça” e “caçador” se traduziam por comportamentos diferentes dos tradicionais- uma “caça” que mais se mostra do que se esconde, e um “caçador” que não precisa ter “olhos muito acurados”- me fez lembrar novamente, o quanto estávamos longe do tempo em que crianças, vestidas como tal, se comportavam de acordo com sua idade.

Para onde foram estes pequenos seres?

Estaria a infância desaparecendo?

Poderia uma cultura existir sem uma idéia social de infância?

Existe algo a ser feito para impedir o desaparecimento da infância?

São estes os principais questionamentos em que este trabalho se baseia, ou seja, refletir sobre a infância e suas especificidades.

A pesquisa baseia-se em revisão bibliográfica, no intuito de levantar dados sobre o histórico da infância e, deste modo adquirir aprofundamento teórico para melhor entender este novo jeito de ser criança.

Pretendo apresentar nesta pesquisa, algumas reflexões sobre as transformações culturais e subjetivas que a presença da mídia e do consumo tem proporcionado nas relações humanas, modificando e transformando a concepção de infância. Observando as relações entre adultos e crianças, constatamos que essas transformações são cada vez mais visíveis, especialmente quando consideramos as mudanças no interior da família e a participação da mídia na socialização das crianças.

Meu interesse em apresentar este tema, é através da apresentação das questões levantadas anteriormente, ampliar e estabelecer um debate junto a pais, crianças e jovens e principalmente entre os educadores e a escola.

REFLETINDO SOBRE A INFÂNCIA

Para entendermos a concepção de infância atual, acredito ser importante pensar o que é, e o que significa a infância. Sabendo da impossibilidade em determinar um único conceito, pois a mesma vem sofrendo transformações ao longo do tempo, de acordo com a época e o contexto histórico a que se insere.

Pretendo iniciar minhas reflexões, buscando através da história, o surgimento da concepção de infância, o qual veremos, nem sempre existiu.

Ariès¹ nos mostra que na sociedade medieval o sentimento de infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas e desprezadas. O sentimento não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto e do jovem, mas essa condição não existia. Ariès² também nos chama a atenção para o infanticídio tolerado que persistiu até o final do século XVII na Europa. O infanticídio era severamente punido mas comumente praticado, desde que aparecesse como forma de acidente; as crianças morriam asfixiadas, naturalmente na cama dos pais que dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou salvá-las. “Durante a Idade Média, a criança só tinha interesse iconográfico na medida em que simbolizava a estrutura do mundo, a santidade, a morte, o tempo.”³

Na Europa, nos séculos XVI e XVII, o sentimento da família que emerge é inseparável do sentimento da infância. O interesse pela infância é uma forma de expressão do sentimento da família. É no século XVII que a criança começa a existir como objeto de conhecimento e afeto. Porém, a duração da infância era curta, tão logo a criança adquirisse habilidade física, era misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. Havia, porém, um sentimento superficial para com a criança, chamado “paparicação”, este era reservado para a criança em seus primeiros anos de vida, enquanto ela era “pequenina” e “engraçadinha”. Ela divertia e alegrava os adultos, mas se morresse, alguns podiam até sentir-se desolados, mas a regra social era não fazer muito caso, pois logo ela seria substituída por outra criança.

¹ ARIÈS, Philippe. História social da infância, 1981.

² ARIÈS, P. Op.cit., pg. 156.

³ CHARLOT, B. A Mistificação, 1983, pg. 100

“Até o século XVII, com efeito, o amor dos filhos não era coisa óbvia: basta lembrar o renascentista Montaigne, que diz ter perdido duas ou três crianças em tenra idade. Um pai assim podia nem mesmo recordar quantos filhos teve; e notemos que se trata, não de natimortos, mas de crianças que viveram um ,dois ou três anos. Os pequenos oscilam então entre o mundo dos animais e o dos adultos. São tratados com o descaso devido aos primeiros, ou, se receberam consideração, é como adultos em miniatura. Nem se imagina então o que será uma das grandes descobertas do século XVIII: a existência de um mundo próprio e autônomo de infância”⁴

Ainda neste período, a criança aprendia através da prática, toda educação fazia-se através da aprendizagem. Elas não eram conservadas em casa, suas famílias enviavam-nas à outras famílias para que com elas morassem e começassem suas vidas, e para que nesse novo ambiente aprendessem algum ofício. A família era portanto uma realidade muito mais moral e social do que sentimental.

A partir dos séculos XV e XVI os serviços domésticos começaram a ser distinguidos, pois até então eles eram uma forma muito comum de educação. O serviço de mesa por exemplo, continuou a ser tarefa dos filhos das famílias e não dos empregados pagos. Estes serviços eram realizados pelas crianças, chamadas de aprendizes, e por empregados pagos, sem existir diferença entre eles. A aprendizagem era transmitida de geração para geração.

Podemos perceber que o nascimento do sentimento de família e de infância só surgirá quando os adultos passarem a investir em seus filhos como um bem que precisa ser cuidado e protegido. Também podemos dizer que, ao pensarmos em infância, conseguimos defini-la como um conceito que é tanto cultural, portanto construído, quanto biológico.

“...nosso pressuposto é que a criança é de alguma forma constituída historicamente(...) Se nada na história é dado por natureza, nem o amor do pai ao filho,...nenhuma destas formas de afeto ou poder é natural. Todas foram construídas, ainda que inconscientemente, pelos homens(...)a constituição da criança como alvo de um investimento afetivo, o qual, ao mesmo tempo que percebemos como construído historicamente, é apresentado como natural e tem de sê-lo.”⁵

“...a infância, origem individual do homem, representa igualmente o estado imaginário da humanidade e exprime, assim, os traços essenciais da natureza humana(...) O

⁴ RIBEIRO, Renato Janine. “O poder de Infantilizar” in GHIRALDELLI, Paulo Jr. (org). Infância, Escola e Modernidade, 1997, pg. 102.

⁵ RIBEIRO, Renato Janine. Op.cit.,pg.101,103 e 108

adulto deseja, ao mesmo tempo, tornar a criança independente e conservá-la sob sua dependência, valorizar a criança e se valorizar em face dela. (...) A criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem eles próprios, ser e temem tornar-se. (...) A imagem da criança é, portanto, a imagem elaborada por um adulto e por uma sociedade que se projetam na criança, de uma criança que se procura identificar com o modelo criado por essa projeção. Compreende-se bem, portanto, que essa imagem evolua historicamente.”⁶

Segundo Ariès, as idades da vida correspondiam a funções sociais, e a idéia de infância estava ligada à idéia de dependência, só se saía da infância ao sair da dependência. Isso porque o primeiro tipo de relação entre a criança e adulto é econômica, é o adulto quem cuida e alimenta a criança, por isso ela é dependente. Ele também nos mostra que, somente depois de uma longa evolução, o sentimento da infância efetivamente arraigou-se nas mentalidades de toda uma sociedade. Foi a partir do início do século XVII, que os adultos modificam sua concepção da infância e começam a lhe conceder uma atenção especial, porém isso ainda não significa que a criança tenha um lugar privilegiado na família.

A idéia de infância não existiu sempre, nem da mesma maneira. O Surgimento da idéia, do conceito de infância, aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Este conceito, é portanto, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade.

“...o simples questionamento da noção de infância, já é salutar em si, pois nos lembra, nas pegadas do historiador francês Philippe Ariès, que essa noção de uma idade profundamente diferente- e a ser respeitada em suas diferenças- da idade e da vida adultas, que essa idéia é relativamente nova. Sua emergência é geralmente localizada no século XVIII, com o triunfo do individualismo burguês no Ocidente e seus ideais de felicidade e emancipação”.⁷

“O sentimento moderno de infância corresponde a duas atitudes contraditórias que caracterizam o comportamento dos adultos até os dias de hoje: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida “pela paparicação” dos adultos; e outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe a ela, tomando a criança como um ser imperfeito e incompleto, que necessita de “moralização” e da educação feita pelo adulto.”

⁶ CHARLOT, B. Op.cit.,pg.101,103 e 109.

⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Op.cit., pg 83

Kramer⁸ mostra-nos que, o sentimento de infância resulta numa dupla atitude em relação à criança: preservá-la e fortalecê-la. As noções de inocência e razão são os elementos básicos que fundamentam o conceito de criança que persiste até hoje, considera-se que todas as crianças são iguais. Esse conceito único corresponde a um ideal de criança abstrato, mas que concretiza-se na criança burguesa.

A partir do momento em que o trabalho deixa de ser domiciliar e as famílias começam a se dispersarem e se deslocarem, a infância passa a ser percebida e a ser visível, pois a família começa a ter dificuldades em administrar o desenvolvimento de seus filhos menores. Hoje, as questões referidas ao conceito de infância são estudadas de acordo com a realidade histórica em que a criança está inserida.

De acordo com Ghiraldelli⁹, hoje o sujeito moderno é apresentado como um sujeito reduzido; o indivíduo como consumidor, o corpo tornou-se o lugar da identidade pessoal. Somos corpo e o próprio corpo transforma-se em objeto de consumo. Somos todos então: corpo- que consome-corpo.

“A noção de infância se altera significativamente. Ser criança é ter um corpo que consome coisas de criança. Que coisas são estas? Primeiro, coisas que a mídia define como tendo sido feitas para o corpo da criança. Segundo, coisas que ela define como sendo próprias do corpo de criança. Respectivamente : por um lado bolachas, danoninhos, sucos, roupas, aparatos para jogos etc; por outros gestos, comportamentos, posturas corporais, expressões etc. Ser criança é algo definido pela mídia, na medida em que se possui o corpo- que consome- corpo. A infância deixa de ser uma fase natural da vida humana e passa a ser um flash corporal autorizado pela mídia. Um flash que busca, nos segundos que dura- repetidos e cada comercial de TV- recriar a criança como indivíduo, como ser livre”.¹⁰

Vemos que , o conceito de infância é construído histórica e culturalmente e vem de como o adulto considera, julga e vê a criança. Conforme o tempo foi passando, a mentalidade do homem foi mudando e, por consequência, sua forma de ver a criança. Mas essas mudanças na mentalidade do homem são fruto de mudanças históricas, mudanças que alteraram e transformaram a sociedade. Por isso, o sentimento de infância que nasce no século XVI na Europa, não é o mesmo nem tem o mesmo significado , que para nós hoje, ou para a atual sociedade européia. O tempo, a sociedade, a política e a economia são

⁸ KRAMER, S. A política do Pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 1995.,pg. 18

⁹ GHIRALDELLI, Paulo Jr.(org). Infância, Educação e Neoliberalismo. 1996, pg.36 e 37.

¹⁰ GHIRALDELLI, P. Jr (org)Op.cit., pg 38

determinantes nas principais mudanças sociais, pois tudo é um conjunto, e sendo um conjunto, as mudanças afetam todas as áreas da sociedade.

A criança é o reflexo do que o adulto e a sociedade querem e esperam que ela seja pois, tanto a sociedade quanto o homem projetam-se na criança. Mas é impossível falar em infância, em criança nos dias atuais, sem falar do papel da mídia.

Quem viu alguém, com mais de nove anos, brincando de cavalinho, cabra-cega ou de roda? Pesquisas mostram que das centenas de jogos infantis tradicionais, quase nenhum é usado com regularidade hoje. Mesmo o esconde-esconde, que era praticado na Atenas de Péricles há mais de dois mil anos, está agora quase completamente desaparecido do repertório das brincadeiras organizadas pelas próprias crianças. Os jogos infantis em resumo, são uma espécie ameaçada, assim como a infância.

Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos- mesmo a aparência física- de adultos e crianças se tornam cada vez mais indistinguíveis.

Um fato que demonstra o que acabo de afirmar, são as evidências e nenhuma é mais sugestiva, do que o fato de que a história da infância se tornou agora uma indústria importante entre os especialistas. Os historiadores e críticos produziram, nas duas últimas décadas, dezenas de trabalhos importantes sobre a história da infância. Podemos pensar que a súbita preocupação de registrar a história da infância é, em si mesma, um sinal do declínio da infância.

Na Sociologia, sociólogos como Sirota¹¹ dentre outros fazem um debate sobre a urgência de uma sociologia da infância, buscando contemplar a evolução do objeto e das perspectivas de análise registradas nos anos 90, na França, a necessidade deste estudo é marcado, segundo ela, pela constatação de carências e de fragmentação deste objeto de estudo.

Montandon¹² fazendo um balanço dos trabalhos sobre a infância publicados na língua inglesa, aponta para a emergência de um novo campo de estudos: a sociologia da infância. Parte da perspectiva da infância como uma construção social específica, com uma cultura própria e que, embora, o interesse pelos estudos das crianças existe há muito tempo, a partir de 1980 é que esses pesquisadores da área vêem sentindo a emergência da discussão desses estudos. Montandon (2001) conclui ainda que os trabalhos do tema “crianças como grupo social” apontam as questões mais controversas, difíceis de resolver;

¹¹ SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da infância- Evolução do objeto e do olhar. 2000, pgs 31

¹² MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da Infância- Balanço dos trabalhos em língua inglesa. 2001. 33-60

mais cruciais para o reconhecimento de uma sociologia da infância. Estes trabalhos tentam esclarecer a posição da infância como grupo social e a posição desse grupo nos diversos contextos da vida cotidiana e nas estruturas do poder político e econômico.

No Brasil, estudos mostram que desde 1996, o número de matérias, apresentadas pelos diversos meios de comunicação sobre a criança e o adolescente cresceu 500%. O jornal “Estado”, só em 2000, por exemplo, aumentou em 30,79% o número de reportagens apontando soluções para as questões da infância e da adolescência no País. Foi também considerado o veículo de comunicação da Região Sudeste, que mais abordou o problema dos meninos e meninas de rua¹³.

No ano 2000, dos 65000 textos analisados sobre crianças e adolescentes a Educação foi o principal tema abordado pelos veículos de comunicação que incluem jornais, revistas, rádios e TVs. O segundo foi Violência.

¹³ Estes dados fazem parte da 10^o edição da pesquisa Infância na Mídia, uma iniciativa da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e do Instituto Airton Senna.[s.d]

O INÍCIO DO FIM DA INFÂNCIA

Antes de falarmos das mudanças em nosso mundo simbólico que estão levando à desagregação da idéia de infância, é necessário fazer um breve balanço da jornada da infância do século dezessete em diante. Quando se fala do desaparecimento da infância, se fala na verdade do desaparecimento de uma idéia, sem falar do nosso sentimento dessa perda. Se lembrarmos alguns dos obstáculos que ela enfrentou e as influências que a sustentaram.

Como qualquer idéia, especialmente uma de importância mundial, ela tem significado coisas diferentes para pessoas diferentes, em épocas diferentes. Como cada nação tentou entendê-la e integrá-la à sua cultura, a infância assumiu um aspecto singular conforme o cenário econômico, religioso e intelectual em que apareceu. Em alguns casos foi enriquecido, em outros, negligenciada; em outros, degradada. Entretanto, em nenhum momento desapareceu, embora às vezes tenha chegado muito perto disso.

A industrialização, como ocorreu no século XVIII, foi uma inimiga constante e terrível da infância. Na Inglaterra, por exemplo, com o crescimento de grandes cidades industriais, passou-se a ter a necessidade de mão-de-obra barata nas fábricas e nas minas, daí a utilização de crianças neste tipo de trabalho.

Em 1780 as crianças, para se ter uma idéia, na Inglaterra, podiam ser condenadas por qualquer um dos mais de duzentos crimes cuja pena era o enforcamento.

Na virada do século, a infância chegara a ser considerada como direito inato de cada pessoa, um ideal que transcendia a classe social e econômica. Inevitavelmente, a infância veio a ser definida como uma categoria biológica, não um produto da cultura. Assim, é uma fascinante ironia verificar que, durante esse mesmo período, a ambiência simbólica que deu vida à infância começou a ser desmontada vagarosa e imperceptivelmente, tendo segundo Postman¹⁴ se iniciado com o primeiro envio de uma mensagem elétrica pública já transmitida neste planeta, tendo como responsável Morse que embora não fizesse idéia da dimensão que sua famosa mensagem codificada eletricamente traria como conseqüências.

As idéias de Morse eram irrefutáveis porque ninguém sabia que a comunicação elétrica implicava idéias, quaisquer que fossem. As pessoas supunham que o telégrafo era

¹⁴ POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. 1999

um veículo neutro, que não se interessava por uma visão de mundo própria. As únicas perguntas dirigidas a Morse, era se o aparelho funcionava ou não, qual era o seu alcance, qual o custo, etc.

Conta-se que Thoreau ¹⁵ao ser informado de que um homem no Maine podia mandar instantaneamente uma mensagem para um homem no Texas, teria perguntado: “Mas o que têm eles a dizer um ao outro?” Ao fazer esta pergunta, que não despertou muito interesse, Thoreau dirigia sua atenção e, em especial, para sua capacidade de mudar o caráter da informação: do pessoal e regional para o impessoal e global. Cento e vinte anos depois Marshal McLuhan (1962) tentou abordar a questão que Thoreau levantou. Escreveu:

“ Quando o homem vive num ambiente elétrico, sua natureza se transforma e sua identidade pessoal se funde com todo coletivo. Ele se torna o “Homem-Massa”. O homem-massa é um fenômeno de velocidade elétrica, não de quantidade física. O homem-massa foi notado inicialmente como um fenômeno da era do rádio, mas começara a existir, sem ser notado, com o telégrafo elétrico.”¹⁶

Assim se conclui que o telégrafo elétrico foi o primeiro meio de comunicação a permitir que a velocidade da mensagem ultrapasse a velocidade do corpo humano. Ele rompeu o vínculo histórico entre transporte e comunicação. Antes do telégrafo, todas as mensagens, inclusive as escritas, só podiam ser transmitidas na velocidade alcançada por um ser humano para levá-la.

Depois do telégrafo, ninguém mais foi responsável pela notícia. Como o jornal, o telégrafo dirigia-se ao mundo, não aos indivíduos, embora no jornal não houvesse fonte identificável de informação. O que o telégrafo fez foi iniciar o processo de informação incontrolável.

Tudo isto teve significação para a infância, uma vez que a informação que antes era exclusivamente controlada pelo adulto, passa a ser pouco a pouco disponível para as crianças por meios considerados psicologicamente assimiláveis. A subsistência da infância dependia dos princípios da informação controlada e da aprendizagem seqüencial. Mas o telégrafo iniciou o processo de extorquir do lar e da escola o controle da informação. Alterou o tipo de informação a que as crianças podiam ter acesso, sua qualidade e quantidade e sua seqüência, e as circunstâncias em que seria vivenciada.

¹⁵ THOREUAU, in POSTMAN, 1999, pgs 83,84 e 85

¹⁶

Mas o telégrafo foi somente um prenúncio do que se seguiria. Entre 1850 e 1950 a estrutura de comunicação dos EUA foi desfeita e depois reconstituída por uma torrente ininterrupta de invenções; a prensa rotativa, a máquina fotográfica, o telefone, o fonógrafo, o cinema, o rádio, a televisão. Paralelo ao desenvolvimento da comunicação elétrica, desenvolveu-se também uma “revolução gráfica”, o emergir de um mundo simbólico de estampas, desenhos, cartazes e anúncios, ou seja, um mundo de imagens que diferentemente das palavras, é irrefutável. As imagens solicitam nossas emoções, não nossa razão, pedem que sintamos, não que pensemos, tanto que já em 1935, Rudolf Arnheim¹⁷, refletindo sob a revolução gráfica, pôde prever sua manifestação massiva na televisão, avisou que ela tem a possibilidade de adormecer nossa mente.

Seria dizer que a imagem de um candidato por exemplo, tornou-se mais importante que seus planos, assim como a imagem de um produto mais importante que sua utilidade.

Em 1950, a TV se instala nos lares americanos e é na TV que se registra o advento simultâneo das revoluções elétricas e gráficas, e conseqüentemente uma linha divisória entre infância e idade adulta sendo corroída.

Primeiro porque representa o acesso à informação, à informação codificada.

O mesmo ocorreu com a mudança de um sistema de escrita pictográfica para o alfabeto há 3500 anos, quando anterior à invenção do alfabeto, os leitores precisavam aprender um número enorme de sinais para interpretar uma mensagem escrita. A escrita pictográfica, em outras palavras, gerou uma estrutura social, política e religiosa específica com o advento do alfabeto. Segundo nos conta Issac Taylor,¹⁸ esta estrutura foi derrubada e com isso os sacerdotes e escribas tiveram seu “monopólio do conhecimento” destruído por um sistema de escrita simples que abriu os segredos da palavra escrita a um grande número de pessoas.

Então vemos que a cultura livresca do século XVI ao XX criou um monopólio do conhecimento, separando adultos e crianças.

Um adulto completamente alfabetizado, tinha acesso a todas as informações profanas e sagradas contidas nos livros, às várias formas de literatura, a todos os segredos registrados da experiência humana, já as crianças não tinham, por isso eram crianças e obrigadas a ir à escola.

A pessoa letrada precisa aprender a ser reflexiva e analítica, paciente e afirmativa, sempre ponderada, para poder, após a devida consideração, dizer não a um texto.

¹⁷ ARNHEIM, Rudolf. *Film As Art*. Berkeley: University of California Press, 1957 in Postman, Neil, 1999.

¹⁸ TAYLOR, Isaac. *The History of the alphabet*. New York, 1974 in POSTMAN, 1999. PGS 83,84 e 85.

Com a TV, as pessoas a vêem, não a lêem, nem a escutam muito. Vêem. Isto acontece com adultos e crianças, intelectuais e trabalhadores, tolos e sábios. E o que vêem, são imagens dinâmicas, em mudança constante, umas 1200 diferentes a cada hora, a duração média de uma tomada num programa de uma cadeia de televisão por exemplo é de cerca de três ou quatro segundos, a duração média de uma tomada comercial, entre dois a três segundos. Isto significa que ver televisão requer reconhecimento instantâneo de padrões, e não demorada decodificação analítica. Requer percepção, não concepção. Ver televisão portanto não requer muita habilidade como também não a aprimora ou seja, nenhuma criança e nenhum adulto ficam mais hábeis em ver televisão passando mais tempo diante dela. As habilidades são tão elementares, que nunca se ouviu falar da incapacidade de ver televisão.

De acordo com os estudos de Daniel Anderson¹⁹ e outros, as crianças começam a ver TV com atenção sistemática aos três anos de idade em que têm seus programas favoritos, podem cantar os comerciais e pedem produtos que vêem anunciados. Mas os programas, comerciais e produtos não são só para quem tem três anos de idade. Não há razão para serem, um comercial do Mac Donald's por exemplo, é tão simples de entender quanto um comercial da Xerox. Por isso é que, na verdade, não existe na TV programação infantil. Tudo é para todos.

Como a TV, apresenta informação numa forma indiferenciada em sua acessibilidade, não precisa fazer distinção entre as categorias "criança" e "adulto".

Para se ter uma idéia de que esta afirmação não é exagero, dados mostram que aproximadamente 3 milhões de crianças (com idade de dois a doze anos) assistem à televisão todas as noites do ano entre 11 e 11:30; 2 milhões e 100 mil entre meia-noite e meia e uma da manhã; e quase 750 mil entre 1:00 e 1:30 da manhã. Isto acontece não só porque a forma simbólica da televisão não propõe mistérios cognitivos, mas também porque um aparelho de televisão não pode ser escondido numa gaveta ou colocado numa prateleira alta, longe do alcance das crianças: sua forma física, não menos que sua forma simbólica, não se presta à exclusividade²⁰.

Pode-se concluir, então, que a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não

¹⁹ In Postman, Op. cit., pg 93.

²⁰ POSTMAN, N. Op. cit., pg 94

faz exigências complexas nem a mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega o público.

Este novo ambiente que está surgindo fornece a todos as mesmas informações, sendo impossível reter quaisquer segredos e sem segredos, evidentemente, não há como haver infância.

Vemos com frequência nos noticiários da TV, assuntos sérios, tais como estupro, crimes, corrupção de menores, incesto, serem tratados com naturalidade em meio a outras notícias sobre beleza, fama e demais futilidades. Isto sem falar nos intervalos entre uma notícia e outra, quando somos bombardeados com imagens e promessas de produtos milagrosos e fantásticos, transmitidos pelas propagandas que já têm estabelecidos, os objetivos a serem alcançados pelo público e sua especificidade.

Nós adultos, com isto, mal conseguimos nos “chocar” com notícias de ataques terroristas, invasão dos morros do Rio de Janeiro, etc, isto hoje já faz parte da nossa rotina. Nós deixamos de esconder das crianças os segredos da vida adulta e isto realmente não é mais possível de acontecer, uma vez que a televisão funciona praticamente 24 horas por dia sem parar, tornando assim, impossível a segregação da audiência, exigindo um suprimento contínuo de informações para cativar e segurar esta audiência, tendo que para isto fazer uso de todos os tabus existentes na cultura. É totalmente irrelevante se o tabu é revelado em forma de show, transformado em tema de telenovela ou comédia de costumes ou exposto num comercial. A televisão precisa de material e precisa de um modo diferente dos outros meios de comunicação, pois ela não é somente um meio pictural; é também um meio centrado no presente e que opera com a velocidade da luz. A predisposição e portanto o negócio da televisão é propagar informação, não coletá-la, ao contrário da tipografia por exemplo, se a televisão tiver algo a dizer sobre algum assunto, dirá de uma só vez e passará para outra coisa.

“Assistir à televisão é como comparecer a uma festa cheia de gente que você não conhece. A cada segundo ser apresentado a uma pessoa nova enquanto anda pela sala. O efeito geral é de excitação, mas no final é difícil lembrar os nomes dos convidados ou o que disseram ou mesmo por que estavam lá. De qualquer modo se você não se lembrar, não faz mal, porque amanhã haverá outra festa. A esta imagem acrescenta-se o fato de que você será induzido a voltar não só pela promessa de conhecer novos convidados mas pela possibilidade de que cada um deles revele um segredo de grande interesse.”²¹

²¹ SINGER, Dorothy G., JEROME L. Singer, and Diana M. Zuckerman. New York Times: The Dial Press. 1981 in POSTMAN, 1999,pg 92.

Um outro motivo da televisão ser responsável pela revelação dos segredos adultos, é que é igualitária e gratuita, quando falamos, sempre podemos sussurrar para que as crianças não nos ouçam, ou podemos usar palavras que elas não compreendam, mas a televisão não pode sussurrar, e suas imagens são concretas e auto-explicativas. As crianças vêem tudo que ela mostra.

A consequência disto, é eliminar uma das principais diferenças entre a infância e a idade adulta, a exclusividade da informação, é como se todos soubéssemos o que os advogados sabem, neste caso, não haveria advogados. Se os alunos soubessem o que os professores sabem, não haveria necessidade de os diferenciar.

É claro que nem todo caso de diferenciação de papel ou de identidade de grupo se fundamenta no acesso à informação. Mas na maioria dos casos, no entanto, o papel social é estabelecido pelas condições de um ambiente especial de informação, e este é certamente o caso da categoria social da infância. As crianças são um grupo de pessoas que não sabem certas coisas que os adultos sabem. Na Idade Média não havia crianças porque não havia para os adultos meio de contar com informação exclusiva. Na Era de Gutenberg surgiu esse meio. Na Era da Televisão ele se dissolveu, isto porque a televisão “despeja” sobre as crianças uma vasta quantidade de material adulto, com isto a infância não poderá sobreviver, se considerarmos que a idade adulta é aquela, onde todos os mistérios e os segredos são desvendados, ou seja, se desde pequenos as crianças conhecerem os mistérios e os segredos, como poderão ser distinguidas dos adultos?

É como se estivéssemos retornando às condições do século XVIII, quando nenhuma palavra e nenhum segredo, eram considerados impróprios para os pequenos.

Estamos caminhando para um mundo de informação nova, velozmente mutável e livremente acessível em que os adultos não servem mais como conselheiros e orientadores dos jovens, a autora chama este fenômeno de **crise da fé**. “Acredito que esta crise da fé, escreve ela, pode ser atribuída ao fato de que agora não há pessoas mais velhas que saibam mais que os próprios jovens sobre o que os jovens estão vivenciando²²”

Mas afinal, quais são os segredos dos adultos nos quais tenho falado?

De alguns anos para cá, a programação televisiva, pelo menos no Brasil, tem exibido com maior frequência os “tais segredos adultos”, em horários que teoricamente obedecem a uma censura imposta pelo Ministério da Justiça. Apenas teoricamente. Na

²² MEAD, Margaret. Culture an Commitment: A Study of the Generation, 1970 in POSTMAN, 1999. pgs 103,104 e 105.

prática, o sexo aparece na TV a qualquer hora do dia - ainda que implícito e sutil: nas dançarinas de biquíni que rebolem nos cenários dos programas de auditório.

Crianças assistem a novelas e telejornais. Adultos assistem a programas infantis.

Ao perceberem este fato, as emissoras televisivas passaram a veicular, propaganda de produtos “para adultos” nos intervalos de programas infantis. Propagandas de cerveja com mulheres sensuais e seminuas. Chamadas de novelas, num trailer de cenas picantes.

Por outro lado, tem proliferado também, em diferentes horários, a quantidade de propagandas que falam diretamente à criança. Isso se explica por um fenômeno recente de incorporação da criança à sociedade de consumo, quando ascendeu ao status de cliente. E já pode desejar e consumir produtos como a sandalhinha da Carla Perez, ou as roupas da grife lançada por ela, nos moldes da grife da Xuxa, da Eliana e muitos outros rostinhos e corpinhos bonitos presentes nos programas infantis.

Na Tv, a criança assiste ao festival de Desenhos da Rede Globo. Na rua, depara-se com a foto da apresentadora, Deborah Secco, nua e numa pose sexy, no outdoor que anuncia a revista Playboy. (Aliás, Carla Perez e Xuxa também já posaram nuas para a foto da capa da mesma revista...)

Portanto, os universos simbólicos de adultos e crianças estão expostos, na televisão e em outras mídias, para ambos. E o controle do que é visto pelas crianças, que tradicionalmente caberia aos pais, é extremamente frágil: a Tv, muitas vezes, transforma-se numa conveniente babá eletrônica, que mantém os filhos quietos enquanto os pais trabalham ou se ocupam com os afazeres domésticos. Além disso, é grande o número de crianças que assistem a programas em horários não recomendáveis para sua faixa etária. *

As conseqüências desta situação, se evidenciam na própria mídia. No programa do Gugu Liberato do SBT, crianças imitam o grupo é o tchan, em coreografias insinuantes e dublagens de letras de música do tipo: “Tá de olho no biquinho do peitinho dela...” Na vida, meninas escolhem para fantasias de carnaval o figurino sensual de Carla Perez, Tiazinha, ou outros símbolos sexuais televisivos.

Atualmente, no Brasil, já é significativo o número de meninas que, mal ficam menstruadas, iniciam-se na vida sexual propriamente dita. Prova disto é que no Censo de 2000, o IBGE incluiu, pela primeira vez, a faixa etária de 10 a 14 anos nas suas estatísticas de maternidade.

Assim torna-se claro que muitas crianças (considerando-se que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, uma pessoa de até 12 anos ainda é uma criança) *

estão exercendo hoje uma sexualidade onde crianças transam com crianças e dão à luz a outras crianças. *

Agora é bastante comum vermos garotas de doze e de treze anos mostradas em comerciais de televisão como objetos eróticos. Alguns adultos podem ter esquecido o tempo em que isto era considerado psicopático. Isto não quer dizer que os homens adultos não cobiçassem meninas em puberdade, mas a questão é que o desejo deles era um segredo cuidadosamente guardado, especialmente das próprias jovens. A televisão não só expõe o segredo, como mostra-o, como sendo natural e sem maior importância.

Como na Idade Média, quando brincar com os órgãos genitais das crianças pode tornar-se mais uma vez divertimento, ou seja, o uso explícito de crianças, embora simbólico, como material para a satisfação das fantasias sexuais.

No cinema, também não é diferente, pois revela às crianças a linguagem e as estratégias da aventura amorosa, hoje, ao contrário de antigamente, se aprende muito mais nos filmes, do que os segredos do beijo na boca. A vantagem é que no cinema não está liberado, e ainda é possível impedir uma criança de ver os filmes que exageram nas cenas de sexo ou de violência ou loucuras do mundo adulto. Quando se trata da televisão, o ocasional aviso aos pais acerca do conteúdo a seguir ser reservado aos adultos, só servem, para garantir que um número maior, e não menor, de crianças o verão.

Há de fato, pouquíssimas manifestações da sexualidade humana que a televisão considera agora suficientemente sérias para mantê-las privada.

Falemos de um outro segredo que pertencia ao mundo dos adultos: a VIOLENCIA, que hoje, sabemos, não se pode negar que o ser humano gasta uma extraordinária parte de seu tempo e energia mutilando-se e matando-se uns aos outros. no decorrer dos anos, aproximadamente 75 milhões de pessoas foram mortas por outras pessoas, isto sem falar nas matanças feitas nas ruas, matanças em roubos. Será que as crianças precisam ter acesso a estes números? Por que devemos mantê-las longe desta informação? Por hipocrisia? Ou porque é perigoso para uma mente em desenvolvimento que tenham, cedo demais, excesso de informação? *

Se procurarmos a resposta nos especialistas do desenvolvimento infantil, afirmarão que as crianças precisam acreditar que os adultos têm controle sobre seus impulsos para a violência e que sabem com convicção distinguir o certo do errado. Segundo Bettelheim²³ é graças a estas crenças que as crianças podem desenvolver sentimentos positivos sobre si *

²³ BETELHEIM, Bruno. The Meaning and Importance of Fairy Tales. New York, 1976 in POSTMAN, 1999, pg 107.

mesmas, o que lhes dá força para manter a racionalidade que, Por sua vez, irá sustentá-las na adversidade. Segundo o autor, sem estas garantias, as crianças acham difícil ter esperança, coragem ou disciplina.

A criança não deve ser protegida de todo e qualquer conhecimento da violência ou degeneração moral. Como Bettelheim demonstrou em seus estudos sobre os contos de fadas, onde segundo ele, repousa a capacidade de revelar a existência do mal de uma forma que permite às crianças assimilá-lo sem traumas. Isso é possível, segundo o autor, não só porque o conteúdo dos contos de fadas cresceu organicamente ao longo dos séculos e está sob o controle dos adultos, mas também porque o contexto psicológico em que os contos são narrados é normalmente tranquilizador. Já a violência mostrada na televisão não é mediada pela voz da mãe e nem orientada por nenhuma teoria do desenvolvimento infantil. Esta ali porque a televisão precisa de material que chega de maneira inesgotável e também porque a televisão dirige tudo e todo mundo ao mesmo tempo, o que vale dizer que a televisão não pode guardar segredos de espécie alguma. Isto resulta na impossibilidade de proteger as crianças da revelação mais completa e mais rude de violência inexorável.

Há anos os pesquisadores vem tentando determinar os efeitos deste conhecimento nas crianças, tendo como base até que ponto a violência retratada em grande escala como ocorre na TV pode induzir à violência nas crianças, e mais, até que ponto a representação do mundo como ele é, enfraquece a crença de uma criança na racionalidade adulta, na possibilidade de um mundo bem ordenado, num futuro cheio de esperança.

Na realidade a violência adulta é, de fato, apenas parte de um segredo maior revelado pela televisão. Do ponto de vista da criança, acredito, o que é mostrado na televisão é na verdade o retrato do mundo adulto, cheio de conflitos e inquietações, é como se os bastidores da vida adulta fosse por ela escancarado.

A televisão é considerada como a grande vilã, embora não seja o único meio de comunicação a retratar os segredos da vida adulta, mas a questão é que no caso dos jornais por exemplo, sabemos que crianças não são, nem nunca foram leitoras, salvo algumas exceções, e que nem todas, na verdade a grande maioria, tem acesso ao uso de computadores, mas são telespectadoras e, portanto, estão continuamente expostas, o resultado disto, é que as crianças passam a desenvolver atitudes adultas.

O que não quer dizer que no passado, as crianças ignoravam completamente os assuntos do mundo adulto; nunca porém, desde a Idade Média, as crianças souberam tanto sobre a vida adulta como agora. Graças ao milagre dos símbolos e da eletricidade. Nossas crianças sabem tudo que qualquer outra pessoa sabe- de bom e de mau. Nossas crianças

são, não resta, dúvida, mais bem informadas do que qualquer outro grupo de jovens ou crianças jamais fora.

No entanto o que isto representa? De que nossas crianças sabem o que os mais velhos sabem?

Isso significa que se tornaram adultas, ou pelo menos, semelhantes aos adultos.

Significa, como afirma Postman (1999) “que ao ter acesso ao fruto, antes escondido da informação adulta, são expulsas do jardim da infância”.

DE CRIANÇAS PARA ADULTOS EM MINIATURA:

Que a infância está desaparecendo não resta dúvida, há uma pressa da expulsão da criança do universo infantil.

As pressões atuais sobre as crianças para crescerem depressa começam já no início da infância. A principal delas é a pressão por uma aquisição intelectual precoce, derivada de uma percepção alterada da precocidade. Várias décadas atrás, a precocidade era encarada com grande desconfiança. A criança prodígio-assim se pensava- transformava-se em um adulto neurótico; daí a expressão “amadurecimento precoce!”. Tentar acelerar a aquisição das habilidades acadêmicas das crianças era visto como evidência de mau desempenho dos pais.

Hoje, os pais na verdade estimulam o amadurecimento precoce dos filhos porque para eles, ficar no lugar de pais muito tempo é uma tarefa bastante difícil, um retrato disto, é que nos EUA, por exemplo, houve uma diminuição do número de pessoas na família, hoje há 2,8 pessoas por domicílio, contra 4,1 em 1930. O que prova que os americanos estão tendo menos filhos, e conseqüentemente estão dedicando menos tempo em educá-los em casa, além do mais, devido à globalização e o mercado cada vez mais competitivo, os pais foram bombardeados por máximas profissionais e semiprofissionais sobre a importância da aprendizagem nos primeiros anos de vida, tanto que nas escolas, as turmas de Educação infantil transformaram-se agora em primeiras séries “tamanho menor”, e as crianças são testadas, ensinadas com livros de exercícios, fazem lições de casa e levam para casa um boletim escolar. O resultado dessa pressão educacional é que 10 a 20 % das crianças da educação infantil estão sendo reprovadas ou colocadas em classes de transição para serem preparadas para rigores acadêmicos da primeira série.

A pressão por uma aquisição precoce é apenas umas das muitas pressões contemporâneas exercidas sobre as crianças para que elas cresçam depressa. O vestuário das crianças é outro. Até mesmo crianças pré-escolares, vestem versões em miniatura de roupas dos adultos. Desde sobretudos até camisas “La Coste” ou “Broekesfild”^{field} em versões menores, toda uma série de trajes de adultos disponível para crianças. Junto a isso, uma ampla escolha de posturas correspondentes, como a de adolescentes servindo de modelos para jeans de marcas famosas.

Quando as crianças se vestem como adultos têm maior probabilidade de se comportar como adultos, de imitar as ações dos adultos. É difícil andar como um adulto usando calções cotelê que fazem barulho terrível. Mas meninos de calças compridas

podem andar como homens, e meninas de jeans apertados podem andar como mulheres. É mais difícil hoje reconhecer que as crianças são crianças, e não adultos em miniatura, porque as crianças se vestem e se movem como adultos.

Há também muitas outras pressões. Muitas crianças hoje em dia, viajam pelo país sozinhas. O chamado menor desacompanhado tornou-se tão lugar comum, que as companhias aéreas instituíram regras e regulamentos especiais para eles. O Fenômeno é um resultado direto do aumento dos divórcios na classe média e do fato de ou o pai ou a mãe se mudar para outra parte do País, ou ainda, em virtude da falta de tempo dos pais para tirarem férias com os filhos, mandam-nos para colônias ou programas de férias.

Há pelo menos, 500 mil crianças, algumas com 5 anos de idade, viajando de avião sozinhas.

Um outro indício é que a infância está desaparecendo, é que a criança praticamente desapareceu da mídia, não me refiro às pessoas de pouca idade, mas quando são mostradas, são representadas como adultos em miniatura. Os meios de comunicação, incluindo músicas, livros e filmes e televisão, cada vez mais retratam as crianças como precoces e as apresentam em situações sexuais ou manipuladoras, mais ou menos explícitas. Essas retratações obrigam as crianças a pensar que devem agir como adultos, antes de estarem prontas para isto.

A linguagem, onde o domínio dos adultos sobre a linguagem não é, na maioria dos casos, muito maior do que das crianças e adolescentes. Na televisão, no rádio, nos filmes, nas transações comerciais, nas ruas, até na sala de aula, não se nota que os adultos usem a linguagem com mais variedade, profundidade ou precisão do que as crianças. De fato, isso é comprovado com o surgimento de uma pequena indústria de livros e colunas de jornais que ensinam os adultos a falar como adultos. Hoje é comum vermos pessoas com mais de trinta anos e de todas as classes sociais que utilizam, expressões típicas de adolescentes. Mais uma vez este fato demonstra que aqueles "segredos" da linguagem adulta, como os palavrões por exemplo, são inteiramente conhecidos e utilizados pelos jovens livremente e com muita naturalidade, não só nas torcidas de futebol, mas em todos os lugares públicos, inclusive nas salas de aulas, restaurantes, escolas, etc.

Todas estas observações e conclusões são indicadores do declínio da infância.

O crime também, como todo o resto, não é mais uma atividade exclusiva dos adultos e nem precisamos de estatísticas para demonstrar isto, pois a mídia, quase que diariamente nos fala de prisões de crianças que com 12 e 13 anos de idade aparecem envolvidas em crimes de adultos como nunca antes.

Em 1993, uma pesquisa do Center for Disease and Prevention descobriu que nos EUA, por exemplo:

- Cerca de 16,2% dos alunos participaram de uma briga física na escola no ano anterior.
- Aproximadamente um terço dos alunos teve objetos pessoais furtados ou propositalmente danificados na escola .
- Mais de 7% dos alunos foram ameaçados ou feridos com uma arma.
- 4,4% dos alunos, faltaram pelo menos um dia à aula por se sentirem inseguros na escola ou no trajeto de ida e volta

O mais sério, é que em Nova York, as crianças entre as idades de treze e quinze anos que são acusadas de crimes graves podem agora ser julgadas em tribunais de adultos e, se condenadas, podem receber penas de prisão de longa duração. Na Flórida, Louisiana, Nova Jersey, Carolina do Sul e no Tennessee, as leis foram mudadas para tornar mais fácil a transferência de crianças com idades entre treze e quinze anos para os tribunais de adultos em caso de crimes graves. Em Illinois, Novo México, Oregon e Utah, foi eliminada a privacidade que em geral envolve os julgamentos de jovens: os repórteres dos jornais podem agora assistir normalmente às sessões²⁴.

As mudanças sem precedentes tanto na frequência quanto na brutalidade dos crimes cometidos por crianças, bem como a resposta legislativa a isso, são sem dúvida atribuíveis a múltiplas causas, mas nenhuma é tão poderosa, do que o fato da infância estar rapidamente escapando ao nosso controle, afirma Postman²⁵. “ Nossas crianças vivem numa sociedade cujos contextos psicológicos e sociais não enfatizam as diferenças entre adultos e crianças. Como o mundo adulto se abre de todas as maneiras possíveis para as crianças, elas inevitavelmente imitam a atividade criminal adulta.”

Além da violência praticada por jovens e crianças, houve também um aumento da violência contra a criança , pois segundo a National Center on Child Abuse and Neglect, em 1979 houve 711142 casos relatados de maus tratos em crianças, considerando as agressões que não foram registradas, calcula-se que mais de 2 milhões de casos de maus tratos a crianças aconteceram só naquele ano. Na verdade, é como se as crianças não fossem percebidas como crianças , ou que são vistas como no século quatorze, como adultos em miniatura.

²⁴ POSTMAN, N. Op. cit. pg 153.

²⁵ POSTMAN, N. Op.cit. pg 150.

O reflexo da concepção da criança como adulto em miniatura também se dá pelo número de frequência da atividade sexual entre as crianças. Estudos de Melvin Zelnick e Jonh Kantner da Univerdidade Jonhn Hopkins concluem que a frequência de atividade sexual entre adolescentes solteira, em todas as raças, aumentou em torno de 30% entre 1971 e 1976, de modo que aos 19 anos, 50% haviam tido relações sexuais.

Neste caso, a mídia desempenhou importante papel na campanha para apagar as diferenças entre sexualidade infantil e adulta. A televisão, em particular, não só mantém toda a população num estado de grande excitação sexual como enfatiza uma espécie de igualitarismo do desempenho sexual, quando o sexo deixou de fazer parte do mistério adulto e se transformou em produto disponível para todos. Com isto, uma outra consequência se apresenta, o da gravidez na adolescência, quando os partos constituem 21,7% na faixa etária entre quinze e dezessete anos. As doenças venéreas também aumentaram entre os adolescentes em 50,4% na faixa etária de dez a quatorze anos.²⁶

O mesmo ocorreu com o uso de drogas, quando a National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism, conclui que o álcool, as drogas como a maconha, a cocaína e a heroína são tão consumidas pelos jovens como é pelos adultos, na mesma proporção.

Todos estes dados demonstram a “adultificação”, da criança, quando cada vez menos a criança necessita *conquistar* a idade adulta, como cada vez menos há qualquer coisa que elas têm *de vir a ser*, sendo assim, a escolarização começa também a parecer arbitrária, uma vez que escolarização nem sempre é sinônimo de um futuro melhor ou da aquisição de um poder aquisitivo maior. A questão aqui é: “Desaparecendo a infância, desaparece também a escola”

Mas o fato é: que a idéia de infância como uma estrutura social não existiu na Idade Média, surgiu no século dezesseis e agora no século XXI, está desaparecendo. Na realidade, ela não foi inventada com a alfabetização, mas descoberta, e o novo ambiente informacional não a está fazendo “desaparecer”, mas apenas reprimindo-a e modificando-a

Se a infância é uma criação da cultura, então talvez ela terá de esperar uma dramática reestruturação de nosso ambiente comunicacional para reaparecer com traços fortes e inconfundíveis.

Sendo assim, fica claro que a infância, possui uma base biológica, mas não pode se concretizar a menos que um ambiente social a ative e alimente, isto é, tenha necessidade dela. Se uma cultura é dominada por um meio de comunicação que requer a segregação

²⁶ UNESCO, 1997.

dos jovens para que aprendam habilidades e atitudes específicas, então a infância emergirá, articulada e indispensável.

Por este motivo é que se faz necessário a criação de meios de resistência ao desaparecimento da infância.

RESISTINDO AO DECLÍNIO DA INFÂNCIA

Para responder a este questionamento, utilizarei-me dos argumentos do autor Neil Postman (1999) o qual me inspirei para a execução deste trabalho.

Para ele, as instituições capazes de resistir ao desaparecimento da Infância são a *FAMÍLIA e a ESCOLA*.

A família porque, quando os pais perderam o controle sobre o ambiente informacional dos filhos, tornaram também sua autoridade, enfraquecidas, ou seja, as crianças passam mais tempo na frente da televisão do que com seus pais, isto sem falar dos discos, do rádio e do cinema, todos anteriores aos pais, tanto que nos EUA, por exemplo, existe o “Disque –História”, oferecido pela empresa Bell Telephone, como um substituto dos pais ocupados que mal têm tempo para contarem histórias a seus filhos. Parece claro que a mídia reduziu e reduz cada vez mais o papel da família na vida dos jovens.

Um outro agravante é que os pais perderam a confiança em sua capacidade de criar filhos porque acreditam que a informação e as aptidões que têm, não são confiáveis, devido a supremacia da mídia, sendo assim, não só não resistem à influência da mídia, como procuram outros especialistas, como psicólogos, professores, etc..., que com certeza presumem, sabem mais sobre o que é melhor para seus filhos, fazendo com que a cumplicidade e a intimidade entre pais e filhos se descaracterize.

Embora haja críticas ao papel exclusivo das mulheres como educadoras, é inegável, que elas foram e ainda tem sido, as administradoras da infância, moldando-a e protegendo-a. Os pais, apesar de atualmente estarem mais participantes no tocante à educação dos filhos, é pouco provável que o façam com a mesma dimensão da mulher. Com isso, enquanto pais e mães abrem seus caminhos no mundo, as crianças passam a ser um problema e um trabalho muito maior, portanto, torna-se interessante e até necessário, que a infância termine o mais cedo possível e a menos que haja uma mudança radical, a diminuição da infância e até sua dissolução, passa a ser interessante para os pais.

Para a escola, no entanto, é necessário que haja diferenças entre a infância e a idade adulta. Pois parte do pressuposto de que os adultos têm coisas a ensinar às crianças.

No entanto as escolas hoje mais se parecem com casas de detenção e não de atenção. Os educadores diante de tudo isto estão confusos e inseguros sobre o que fazerem com as crianças, que informações dar, estando diante de alunos que tem acesso a todas as informações, ou que com onze, doze anos, já possuem um treinamento profissional e muitas vezes, principalmente na classe mais alta da sociedade, se apresentam como

pequenos executivos, com agendas lotadas de aulas e de compromissos. É evidente que as escolas refletem as tendências sociais com mais vigor do que podem dirigi-las e dificilmente conseguem se opor a elas.

Mas assim, como a criação da alfabetização, a escola não irá aderir a dissolução da infância, pois por mais diluído que seja o esforço, será ela a última defesa contra o seu desaparecimento.

Mas será que a escola sabe como a criança compreende o mundo da mídia? Será que ao invés de travar uma guerra contra a TV, a escola indaga junto à criança sua experiência como espectadora? Afinal o que é possível à educação? Que lugar nós adultos devemos ocupar junto às novas gerações, frente às mudanças nos processos de informação e produção de conhecimento?

Uma coisa é certa, a revolução tecnológica nos coloca um desafio fundamental, o de compreender que estamos diante do surgimento de uma nova cultura da infância, que nos exige uma adaptação nos modos de ver, de ler, de pensar e de aprender. "Não se trata de usar a tecnologia como modo de expandirmos as antigas formas de ensino-aprendizagem, ou termos a mídia na escola como meio para amenizar o tédio do ensino, mas sim de um modo radicalmente novo na inserção da educação nos complexos processos da sociedade atual"²⁷

Reivindicar a presença da cultura audiovisual na escola não é descartar a cultura letrada, mas integrá-la, incentivando o diálogo entre variados modos de construção do saber que circulam entre nós, entendê-los, torna-se essencial para que as novas gerações possam incorporar novos hábitos de conhecimento que escapam ao livro e a escola, antes lugares de legitimação do saber.

A produção do conhecimento não dispensa a nossa capacidade de dialogar com os aparatos tecnológicos, incentivando os alunos a construírem com eles, novas possibilidades de usos, submetendo as máquinas ao nosso poder e desejo de inventar outras coisas ainda não reveladas. Trata-se portanto, de criarmos, por meio da educação, modos de confronto com a experiência tecnológica, colocando tanto educadores como educandos na posição de se sentirem responsáveis por inventar novas estratégias de interação na produção de conhecimento.

Podemos observar em todas as classes sociais, que as crianças lidam com os aparelhos tecnológicos melhor que os adultos, isto porque a criança não teme a tecnologia,

²⁷MARTIN, Barbero. Os exercícios do ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2001.

ao contrário lida com ela como se fossem jogos ou brinquedos, já os adultos têm a máquina e conseqüentemente a tecnologia como algo difícil de ser desvendado.

Cabe a escola e aos educadores, aprenderem esta nova postura com a criança e construírem junto a ela, sem deixar de lado sua experiência de adultos que vê o mundo de uma determinada maneira, modos mais criativos para enfrentar os desafios que a tecnologia nos impõe.

O que ocorre hoje, no entanto, é uma competição entre os responsáveis (os técnicos da comunicação), os jovens e a escola. Onde cada um deles parece estar tentando ficar à frente do outro. Talvez por isso seja tão difícil para os mais velhos e para a escola em especial, compreender que eles não podem impor decisões permanentes à nova geração no que diz respeito àquilo que eles verão na TV, ou à forma como usarão a Internet ou qualquer nova tecnologia de comunicação disponível no futuro.

Pois os responsáveis pela tecnologia, criam e fornecem novos instrumentos, estando sempre à frente de quem tenta “regulamentar”, inibir, ou em alguns casos, “controlar o que os jovens verão ou ouvirão, até mesmo as crianças menores estão à frente destes técnicos, sendo mais competentes para selecionar programas de TV ou navegar na Internet do que a maioria dos adultos. A questão é o perigo, é justamente este, pois apesar da facilidade e aptidão para tal, as crianças não estão conscientes das ciladas e perigos, armadilhas e seduições que podem encontrar na Internet ou quase todo tipo de mídia.

A maneira como lidam e recebem a informação, bem como, a influência dos meios de comunicação na formação de crianças e jovens, tem sido alvo de crescentes discussões.

As preocupações por vários setores da sociedade são justas e procedentes, principalmente tendo em vista a aparente “queda de qualidade de conteúdo” dos produtos da mídia destinada aos públicos destas faixas etárias.

A principal discussão é a tentativa pela busca da TV de qualidade, Nelson Hoineff (1996) levanta o seguinte debate:

“ Uma televisão pode ser ruim mesmo exibindo uma sinfonia de Beethoven e pode ser boa mesmo falando para as massas.

Qualidade em televisão depende em grande medida da adequação formal e narrativa do conteúdo ao meio, o que, aliás vale também para qualquer outra forma de expressão. (...) podemos partir para pensar num modelo de televisão que seja compatível com a dignidade do espectador e de modelos de programação adequados à criança (...). É muito difícil assegurar isso quando o entorno da televisão gera hoje é em grande parte não apenas ofensivo ao cidadão como inibidor de seu crescimento. A maior parte dos

brasileiros se forma através da televisão e o tipo de formação que ela vem produzindo é indiscutivelmente nefasta”²⁸ *

A televisão é sem dúvida, o meio de comunicação mais adequado e completo aos jovens e crianças, pois é mágica e ao mesmo tempo realista, ela justapõe realidade e ficção num completo emaranhado de conteúdos verbais e mensagens visuais.

A TV é interativa e cheia de botões que quando acionados, trazem conseqüências inesperadas, pois possui cores fortes e luminosidade própria, associa imagem e som, é uma ponte de acesso virtual para tudo o que há no universo. Ela está em todos os lares, lugares, ruas e trabalho.

Por esse fato, é que seu alcance, se associado aos recursos de linguagem e a um conteúdo pertinente, pode passar de vilã e concorrente da escola, um agente de conhecimento e da cidadania e de eficácia. Para que isto ocorra, no entanto, é necessário que as instituições escolares se preocupem em analisar os efeitos da mídia para os jovens, pois crianças e jovens podem aprender ao se divertir e os meios de comunicação podem educar, mas para que isto ocorra, há que promover a educação para a mídia, preparando os estudantes para se defenderem das ciladas, perigos e armadilhas que a mesma oferece.

É certo que a escola não dispõe de recursos para assumir mais esta responsabilidade, mas é ela também a única esperança no intuito de promover uma mudança de mentalidade, uma mudança de atitude, onde jovens e crianças se eduquem através de uma mídia de qualidade.

Sabemos que hoje em dia, a televisão ocupa o espaço complementar à escola e à família na educação; está comprovado que boa parte dos adolescentes e crianças brasileiras passam mais tempo em frente à TV, do que na sala de aula. É na TV que buscam suprir sua necessidade de novos conhecimentos e estímulos.

No Brasil, a televisão preenche as lacunas geradas pela falta de acesso ao teatro, cinema, lazer e educação, o que obriga as propostas de programação a assumirem sua responsabilidade social.

“ Sim, sabemos criar informação e sistemas de comunicação extraordinárias, mas no final das contas, o conteúdo é o que importa. A mera informação e os dados não são sinônimos de bom conteúdo. O conteúdo de qualidade é resultado de uma educação que valoriza a curiosidade, a criatividade, idéias, uma vida mental.(...)Os dados e a informação têm que ser processadas para que se transformem em conhecimento.

²⁸ HOINEFF, Nelson. A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes, 1996.

*Conhecimento quer dizer entender as coisa, saber coloca-las em contexto, saber aplicar as lições aprendidas. O paradoxo é que, embora hoje em dia exista mais informação disponível, talvez as pessoas sejam menos informadas. Hoje, cada vez mais filmes estão sendo feitos, mas cada vez menos valem a pena serem assistidos*²⁹.

Um bom produto de mídia é aquele que se aproxima do Universo do seu público, retrata seu imaginário e estimula seus sentidos. *

Tratar a criança como criança, o adolescente como adolescente, sem “adultificá-los”, já é por si só educativo. E é essencial compreender a criança e o adolescente como produtores de mensagens e, portanto, como produtores de mídia e comunicação. *

Para educar, não é necessário reproduzir o conteúdo escolar e sim levar o público a pensar, a ampliar suas possibilidades de interação com o real e o imaginário, estimular sua criatividade. Os estímulos midiáticos da modernidade têm modificado e transformado a cultura da infância. Videogames, computadores, Internet, programas de TV, são responsáveis por diferenciarem crianças de outras épocas, além é claro, do fato de nossos jovens já nascerem sabendo ver TV.

Por outro lado, esses jovens, apesar de equipados para entender e se relacionar com os mecanismos da informação contemporânea, por outro, é a ingenuidade do indivíduo perante a mensagem que chama a atenção.

É preciso trabalhar a capacidade crítica deste jovem espectador. É nisto que se afirma a necessidade de uma educação para a mídia. Sem dominar os processos de construção de mensagem, dificilmente o jovem espectador poderá analisar criticamente os produtos à sua disposição ou ser menos influenciado por eles.

(...) “A educação para a mídia se faz mais necessária do que nunca, precisamente porque ela é fundamental para a construção de identidades, o senso de nós mesmos no mundo e nossa capacidade de agir dentro dele” (Silverstone, 2003).

É com esta expectativa que se situa a importância de uma educação para a mídia associada ao ambiente escolar.

²⁹ EDGAR, Patrícia. A Escola na Idade Mídia. 2002

INFÂNCIA E MÍDIA

Antes de falarmos em educação para a mídia, é importante tornar preciso a o quanto e de que forma as crianças a utilizam e daí surge uma dificuldade, pois o que existem são pesquisas interessadas na audiência deste tipo de público em detrimento de uma maior alcance comercial, ou seja, o de divulgar produtos direcionados ao público infantil que não são poucos. Além do mais, projetos de pesquisa, interessados em concluir estes dados, são raros e de difícil conclusão devido a impossibilidade de comparação dos números.

Apenas uma conclusão é certa, a de que o uso da mídia pelas crianças nos países e cidades onde a TV é amplamente difundida, constitui também o meio de comunicação mais provável de ser usado pelas crianças. Nos países onde a TV é menos comum, como em áreas distantes das cidades, o rádio passa a ser o meio de comunicação mais utilizado.

Um outro dado importante, é que nos lugares onde a TV e o vídeo-cassete fazem parte do cotidiano das crianças, o uso do computador é limitado, sendo utilizado para jogos e um número ainda menor de crianças têm acesso à Internet, estima-se que apenas 4% da população mundial têm acesso à Internet, sendo assim, a TV é sem dúvida o veículo de comunicação mais difundido e acessível.³⁰

Resta saber então de que forma as crianças usam a mídia e neste caso, a influência na violência é o ponto principal de discussão. A violência mais discutida é a visível, física, como assassinatos, sangue, massacres, tiros, etc. Porém há também, e merece destaque como objeto de pesquisa, a violência estrutural e mental, cujos responsáveis e vítimas nem podem ser identificados e cujas causas e conseqüências são de mais difícil análise, justamente por estarem intrínsecas na cultura e na sociedade em geral.

De modo geral, as crianças na mídia são sub-representadas e quanto menores, menor é também sua presença, elas não são vistas, pois os adultos na mídia raramente falam de e com crianças.

Nos casos em que aparecem, são como consumidoras, em comerciais onde o produto é destinado ao público infantil e o objetivo e interesse são econômicos.

Quando as crianças são retratadas na mídia sem interesse comercial, aparecem em noticiários, representados através da violência, ou envolvidas em crime sendo vítimas ou

³⁰ POSTMAN, N. Op.cit. pg 94.

responsáveis pelos mesmos, neste caso o jovem ou a criança, aparecem como problema ou ameaça, ou como vulneráveis em relação à sua integridade.

Num outro extremo a criança pode aparecer também na mídia como boa, inocente e meiga, visíveis em anúncios, ou ainda no caso das meninas que aparecem como símbolos sexuais.

Mesmo nos países onde há recursos para a mídia infantil, esta constitui apenas uma pequena parte de toda a produção da mídia, o que não é suficiente, uma vez que as crianças, especialmente as menores vêem o que os adultos vêem, ou seja, novelas, programas de ação, noticiários, ou porque acham excitantes ou como uma forma de penetrar e conhecer “os segredos dos adultos”.

As crianças assistem TV tanto quanto os adultos e por isso precisam de suporte e proteção quando pequenas, privá-las do acesso, em nada ajudará, o que se faz necessário então é a criação de uma mídia que lhes seja favorável, mesmo porque as crianças correspondem a 37% do total da população mundial³¹

Os argumentos utilizados para a não participação da criança e do jovem na mídia apontados pelas autoras, Feilitzen e Carlsson ³²são vários, dentre eles:

- A dificuldade em controlá-los, tendo como argumento, sua incapacidade de expressão.
- O excesso de tempo necessário para se trabalhar numa produção de mídia infantil.
- A facilidade do trabalho com adultos ao invés do trabalho com criança.

Pesquisas mostram que os adultos da televisão falam exclusivamente de outros adultos e dificilmente de crianças, as crianças sequer são retratadas nos pensamentos dos adultos. (von Feilitzen, 1997).

Isto acontece, porque a mídia não se preocupa em espelhar a realidade, mas sim em divertir e entreter. Além disto, o papel da fantasia ou da imaginação é, em muitos casos, elucidar a realidade de uma forma melhor.

Uma outra explicação seria que nem adultos, nem crianças gostam de ver crianças na mídia. E nós, como “clientes”, somos fator determinante para dirigir as decisões da mídia, uma vez que ela procura o maior alcance possível de público. Esta justificativa no entanto, não é suficiente para explicar a ausência ou distorção da criança na mídia, pois é

³¹ UNESCO, 1998

³² CARLSSON, UIJA, FEILITZEN, Cecília (orgs). A criança na Mídia- Imagem, Educação e Participação. 2002. pg 26.

também verdade que nossas escolhas dependem também do que a mídia oferece e por desempenhar um papel cada vez maior na sociedade, acaba se tornando responsável por influenciar grande parte de nossas idéias e decisões e, por esse fato é pode ser uma importante aliada na busca da democracia.

As construções da mídia influenciam diretamente a percepção que os adultos tem sobre os jovens e as crianças e as questões relacionadas às crianças com as quais, por exemplo, os noticiários da mídia lidam- ou não- também contribuem para as noções do público sobre as necessidades de uma ação política.

“As pessoas se inspiram no que vêm na televisão. Se elas não vêem a si próprias na TV, vão querer ser outra pessoa” (Children Now, 1998) Sendo assim, nem sempre o que a mídia apresenta é aquilo que as crianças estão mais interessadas ou que desejam se identificar, como por exemplo, nos noticiários, quando aparecem envolvidos em drogas ou em crime. De acordo com estudos norte-americanos, as crianças entre 10 e 17 anos vêem injustiças na maneira como são retratadas na mídia, ou seja, de forma estereotipada, sem o ponto de vista das próprias crianças (Children Now, 1994).

Isto ocorre, porque as imagens infantis presentes na mídia, são na maioria, decorrentes de construções de adultos, ou seja, as crianças aparecem como os adultos a vêem ou como querem que elas apareçam. Não obstante, embora cada representação da criança na mídia seja única, com características próprias, e embora cada programa, livro ou artigo possa ter propósitos benevolentes, os objetivos e a política da mídia. O clima cultural e a função da criança na sociedade são fatores que moldam essencialmente os padrões infantis repetidos e recorrentes na mídia.³³

³³ CARLSSON, Ulla. FEILITZEN, Cecilia (orgs)Op.Cit.2002.pg 26.

EDUCAR PARA A MÍDIA UMA REALIDADE ?

A educação para a mídia segundo Carlsson e Feilitzen ³⁴, visa equilibrar as representações simbólicas distorcidas das crianças na mídia, embora não possa, de acordo com os direitos das crianças, apenas protegê-las de certos conteúdos da mídia, fazendo com que saibam discernir o mau conteúdo do conteúdo de qualidade, nem tampouco ensiná-las a desconstruírem as mensagens e ver através do poder, compreendendo nos interesses de quem e com quais objetivos as mensagens são transmitidas, não se trata de proteger a criança da informação, impedindo sua participação. Ao contrário disto, a educação para a mídia deve estar ligada à tentativa de mudança da produção da mídia, por meio da própria produção e participação das crianças.

Segundo os autores, o direito à mídia e à informação, o direito à liberdade de expressão e o direito de um indivíduo a expressar suas opiniões sobre as questões que o afetam devem, na sociedade de hoje, também significar participação na mídia. Uma vez que a participação na mídia representa uma forma do indivíduo expressar suas opiniões, estas opiniões influenciam a sociedade. Por isto, quando trabalhamos para que as crianças participem das discussões de questões sociais importantes, fazemos com que elas se tornem presentes na sociedade e conseqüentemente na mídia.

Vários especialistas da educação, dentre eles pedagogos e pesquisadores de vários países, têm voltado sua atenção às questões da mídia participativa ou da chamada “Educação para a mídia”. Apesar de contextos, realidades e épocas diferentes, muitos dos objetivos são comuns, sendo o principal deles, atender os interesses da criança, e por este motivo, deve basear-se em nível local, nas necessidades das crianças e da comunidade local.

Os artigos conclusivos da pesquisa, ³⁵que envolveram países como: Austrália, África do Sul, Índia, Canadá, Brasil, dentre outros, apresentam é claro, algumas divergências em virtude das diferentes realidades, mas apresentam também muitos pontos em comum, como os que irei descrever a seguir:

- 1- A educação para a mídia deve emanar dos alunos, ou seja, deve começar a partir do percurso de como o conhecimento é construído, a história do aluno, das

³⁴ CARLSSON, U. FEILITZEN, C. Op. cit. pgs 29-30-31.

³⁵ CARLSSON, U. FEILITZEN, C. Op. cit. pgs 32, 33 E 34.

famílias, dos grupos, da comunidade local e das necessidades e do contexto social em que se insere. A educação para a mídia deve emanar dos interesses dos alunos e não dos professores.

- 2- A educação para a mídia significa pensamento crítico, o que quer dizer que embora, deva partir dos interesses dos alunos, não deve ser visto apenas como prazer, ou poder da mídia, mas sim, levar os alunos à capacidade para distinguir a fantasia da realidade, compreensão do papel econômico, político, social e cultural da mídia nas comunidades locais/globais, compreensão dos direitos democráticos, negociação e resistência, identidade cultural e cidadania do seu grupo, bem como dos outros. Mas para atingir o pensamento crítico, é necessário que haja a produção do aluno.
- 3- A educação para a mídia é necessária para a participação e democracia, ou seja, uma vez que temos direito à informação, de sermos ouvidos e nos expressarmos sobre os assuntos que nos afetam, a educação para a mídia deve ser algo muito mais abrangente do que nos ocuparmos com a mídia. Não basta que a escola discuta com os alunos o papel e os efeitos da mídia comercial na sociedade de consumo, mas que além disto, signifique uma luta pela informação, num esforço pela justiça social e pela cidadania crítica.
- 4- A educação para a mídia deve vir ao encontro da globalização, sendo necessário se tornar uma abordagem com parcerias interdisciplinares.
- 5- A educação para a mídia deve abranger toda a mídia, não podendo se focalizar apenas na mídia impressa, mas em todos os meios de comunicação. Envolvendo a participação tanto da nova tecnologia quanto da mídia tradicional de cada país.

É visto que apesar de toda esta iniciativa, a educação para a mídia, assim como outras iniciativas em favor da educação, ainda não se tornaram uma realidade por diversos fatores, sendo o principal deles, segundo os autores do estudo, a falta de interesse e apoio político e econômico.

Quando ocorre e obtém sucesso, é através do trabalho popular e como afirmam os autores, “dos apaixonados solitários”, mas que sem dúvida e infelizmente, podem se cansar e desistir de mais esta batalha pela e para a educação. Isto sem falar nos professores, que mais que paixão e boa vontade, precisam ser treinados, para construir redes interdisciplinares para facilitar conferências e publicações que forneçam insumos advindos de várias direções, como dicas pedagógicas, materiais audiovisuais, livros, etc.

Para se propagar, a educação para a mídia, precisa ainda se basear em uma cooperação contínua com diversos grupos de pesquisadores, pais, profissionais da mídia e não só entre os professores.

Por fim, um fator que impede o sucesso total do projeto, é a própria mídia, quer seja pela dificuldade da escola em reproduzir materiais audiovisuais para a sala de aula, ou até mesmo pela dificuldade em conseguir a isenção dos direitos autorais de tais materiais, principalmente se os objetivos da escola forem ensinar os alunos a pensarem criticamente sobre a mídia.

Isto porque os responsáveis pela produção da mídia, na verdade, não acreditam que esse tipo de programa, criado pelas crianças, interesse ao público, ou seja, economicamente não é válido e por isso, mais uma vez, a criança deixa de ser alvo de interesse e preocupação e continua a ser representada pela mídia de forma distorcida, visando os interesses de quem a produz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Idade Média, os adultos tinham outras formas de se relacionar com as crianças. Sabe-se que o trabalho Infantil (sobretudo a partir dos sete anos de idade) era encarado com naturalidade. Não havia preocupação em proteger a criança dos “segredos adultos”: falava-se de sexo, e quiçá fazia-se sexo, na presença de crianças.

A arquitetura medieval, inclusive dos palácios e castelos aristocráticos, revela um ambiente onde não há lugar para a privacidade: os cômodos eram interligados entre si, e as famílias, compostas por muitos membros- avós, tios, primos, agregados...

Adultos e crianças medievais compartilhavam não só dos mesmos ambientes sociais, mas também de um mesmo ambiente informacional, de um mesmo não saber: eram ambos analfabetos, já que a leitura era um privilégio restrito ao clero. Escolas eram raras ou inexistentes. Numa cultura da oralidade, não havia espaço para uma divisão nítida entre infância e idade adulta. Os valores e costumes sociais eram apreendidos pelos pequenos diretamente, a partir do contato com os adultos, que não demonstravam grandes preocupações acerca da educação infantil.

A criação moderna de prensa tipográfica, associada à alfabetização socializada, veio mudar este quadro. Passou-se a imprimir e publicar diversos livros, contendo saberes que se colocavam à disposição de quem soubesse ler.

Dessa forma, surgiu um parâmetro claro e objetivo para diferenciar adultos e crianças: os primeiros seriam aqueles que soubessem ler e escrever; as últimas, aquelas que deveriam passar por um processo gradual e lento, até adquirirem este saber. A função da escola, neste momento, ganhou uma fundamental importância; à escolarização se atribuiu a tarefa de ensinar às crianças a via de acesso aos saberes que circulavam no mundo adulto (a alfabetização) e, simultaneamente, prepará-las para este mundo através da disciplinarização.

Essa revisão histórica da civilização ocidental nos permitem perceber que as formas de conceber a infância variam de tempo, de sociedade a sociedade. Muito além do fator biológico, que aponta para características anatômicas e fisiológicas específicas às crianças, cada contexto cultural é capaz de criar uma maneira particular de concepção de criança, no sentido que as formas de se relacionar com ela, e o próprio papel dela na sociedade, resultam de uma complexa rede de valores e regras predominantes nesta sociedade.

Na modernidade, a ascensão sócio-econômica da burguesia trouxe valores diferentes dos medievais, e um novo modelo de organização familiar. Modelo este que

costuma ser chamado de família burguesa ou família- nuclear, restrita ao núcleo pai, mãe e filho. Nesta família, mãe e pai ganharam funções muito bem definidas. A ela, caberia o cuidado com a casa, o marido e os filhos (atuando no espaço privado do lar); a ele, caberia o sustento da família através do trabalho remunerado(atuando no espaço público). Aos dois, caberia a obrigação de amar e educar seus filhos, como um investimento numa perspectiva de futuro, de progresso, condizente à conjuntura histórica da época.

A sociedade em que vivemos hoje, nos apresenta múltiplas e aceleradas possibilidades de progresso. Progredimos através da tecnologia cada vez mais aprimorada, indispensável e que se renova a cada dia.

Com isto ocorreram inúmeras transformações de valores onde há uma supervalorização do consumo e da técnica.

O tempo mudou, hoje é tudo rápido. Até a moradia mudou. Antigamente, as crianças brincavam nos jardins. Hoje em apartamentos pequenos, há uma invasão da privacidade, tanto das crianças quanto dos adultos. As crianças acabam portanto, sendo obrigadas a viver a vida dos adultos, passando por questões que impedem que elas vivam a infância.

Agregado a isto, está a televisão, que segundo o autor Neil Postman (1999), é responsável por destruir a linha divisória entre a infância e a idade adulta, na medida em que tem uma acessibilidade indiferenciada: não requer treinamento para aprender sua forma, não faz exigências nem à mente, nem ao comportamento e não segrega seu público.

Não resta dúvida que a infância diminuiu e o que é pior está cada vez mais pobre culturalmente. Prova disso, são os brinquedos das crianças: A Barbie, loira, solteira, sem instinto maternal e acima de tudo “ consumista”, pois tem carro, piscina, salão de beleza, etc.

Se olharmos a história das brincadeiras advindas, do folclore, da cultura negra, das cantigas trazidas por portugueses e franceses, da alegria das crianças em participarem das festas religiosas, da quadrilha, vemos que pouco se preservou. As brincadeiras de nossos avós, por exemplo, estavam ligadas à imaginação, ao desejo. O que temos hoje, são modismos que ensinam à criança querer e não desejar.

Com isto, a percepção da criança sobre sua própria infância está comprometida, onde se antes “imaginar” era mais importante, hoje o mais importante é o “Ter” e a televisão sem dúvida contribui para isto, porque estimula o consumo o tempo todo e vende uma imagem “açucarada” de mundo que não corresponde à realidade da maioria das crianças brasileiras, onde em cada 4 crianças, 1 vive em situação de miséria, em

famílias com renda de até meio salário mínimo, vivendo com apenas R\$3,00 por dia. Dos 42 milhões de domicílios no Brasil, 24 milhões, não têm rede de esgoto e nem água encanada, 8,6 não tem coleta de lixo, no entanto, quase 100% da população têm televisão, há mais televisores nas casas do que geladeiras.

Em uma cultura constituída sob a forma de imagens e dígitos, temos a mídia eletrônica como um vetor de socialização que permite interações muito peculiares, mediadas pela virtualidade. São inegáveis as transformações que essas experiências sociais contemporâneas têm imprimido nos processos de desenvolvimento e aprendizagem humanos.

A tensão que sempre existiu entre as gerações assume hoje novo enfoque. Grande parte do tempo em que dedicávamos às conversas, é agora dedicado aos aparelhos. Vale lembrar que em um passado recente as informações chegavam às crianças pelo crivo de parentes mais velhos. Hoje, pela janela da TV, tudo é para todos, não havendo distinção entre as gerações ou classes sociais.

Por isso na medida em que, crianças de gerações recentes estão fortemente expostas às mensagens veiculadas pela televisão, torna-se fundamental discutir a leitura deste meio, tendo em vista sua múltiplas possibilidades e influência sobre o desenvolvimento infantil.

A preocupação de educadores, pais entre outros agentes sociais, com a qualidade do produto televisivo consumido por crianças, adolescentes e jovens são hoje cada vez mais crescentes. Não é raro, ouvirmos críticas acerca da programação televisiva ou da má qualidade do produto televisivo.

Mesmo porque, foi possível concluir que o tempo de mídia colaborou de forma direta para a conformação da sociedade contemporânea e alguns de seus dilemas, como a violência urbana a sexualidade cada vez mais precoce, a adultificação da criança e o consumo exacerbado de jovens e crianças, tudo isto são marcas de uma sociedade onde os efeitos da mídia são marcantes.

Dá a necessidade de se discutir um novo gênero de entretenimento: diversão associada a conteúdo (que pode ser educativo) e comprometida, com a formação do cidadão.

Entretenimento que educa não é aquele que necessariamente reproduz o conteúdo e sim aquele que leva o público a pensar, amplia suas possibilidades de interação com o real e o imaginário, que estimula a criatividade.

TINOCRADE
2010

Os vários estímulos midiáticos do mundo contemporâneo estão formando crianças diferentes das de outras épocas.

Videogames, computadores, internet, programas de TV, tudo funciona como uma “ginástica” para o cérebro infantil. As novas tecnologias, a velocidade e a diversidade da informação dão às crianças e aos adolescentes mais recursos para a comunicação.

A isso devemos somar a herança genética da cultura visual e televisiva deste século, o que faz com que garotos já “nasçam sabendo” ver TV, como se seu organismo fosse previamente equipado com noções cinematográficas.

O problema está em que se por um lado estes jovens estão mais informados do que nunca e preparados para entenderem os mecanismos de informação atuais, por outro lado, se faz necessário trabalhar com a capacidade crítica deste jovem espectador. E é aqui que a educação para a mídia está inserida, ou seja para que os jovens sejam menos influenciado pela mídia, precisam entender e participar de todo o processo de construção da mensagem.

Este papel como tanto outros, cabe à escola, e é ela a única responsável por efetivar uma “Educação para a mídia”

As novas tecnologias tem capacitado as crianças: elas podem se comunicar e construir redes sem precisar dos adultos, pois freqüentemente, as crianças aprendem as novas tecnologias sozinhas e isto ao contrário do que acontece nas escolas, deveria ser visto como uma oportunidade para as crianças se educarem e prepararem a futura integração no mundo profissional.

É preciso que a escola e os professores em geral, deixem de tentar fazer com que o aluno se adapte à escola, mas ao contrário, fazer com que a escola se adapte com as capacidades tecnológicas de seus alunos, bem como, com esta nova forma de ser criança.

É fundamental que haja o envolvimento da família e da comunidade na discussão do conteúdo da mídia, como é indispensável a discussão pelas escolas dos efeitos da mídia, mas não através de críticas na tentativa de proteger o jovem da informação, mas através de um trabalho sistemático, na tentativa de proporcionar aos alunos, uma formação crítica para a existência de uma reeducação da mídia. Sem essa consciência, não será possível desenvolver a capacidade de discernir e de perceber o sentido de uma mensagem. Por outro lado, desenvolver nos alunos a capacidade de discernimento concorre para fazer ver os produtores e responsáveis pela veiculação de alcance coletivo, que a mídia é um bem público, e como tal, precisa levar em conta os valores e aspirações de uma sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ARRIÈS, Philippe. História social da criança e da família . Rio de Janeiro. Zahar, 1981

BADINTER, Elisabeth. Um amor Conquistado: O Mito do amor materno. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.

BELLI, Angelina de. “ Infância em tempo de megabytes”.In: CASTRO, Lúcia Rabello (org). Infância e adolescência na cultura do consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecilia von.(orgs) A criança e a mídia. Imagem. Educação. Participação. São Paulo:Cortez. Brasília, DF: UNESCO.2002.

COSIMATO, Patrícia. “Os significados da Infância: Uma revisão de alguns significados atribuídos à infância.”Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas- SP, 1999

CHARLOT, Bernard. A mistificação Pedagógica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

EDGAR, Patrícia. A escola na Idade Mídia. Rio de Janeiro, Riocentro, 2002.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. (org) . Infância. Educação e Neoliberalismo. São Paulo: Cortez (coleções da Nossa Época no 610. 1996.

HOINEFF, Nelson. A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996.

KRAMER, Sônia. A política do Pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Cortez, 1995.

MARTIN-BARBERO, J. REY, German. Os exercícios do ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. SENAC. São Paulo, 2001.

MONTADON, Cléopâtre. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. Cadernos de Pesquisa, no 112. FCC. São Paulo- Março de 2001, p.33-60.

POSTMAN, N. O desaparecimento da Infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo. Edições Loyola. 2002.

SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da Infância: Evolução do objeto e do olhar. Caderno de Pesquisa, no 112. FCC. São Paulo- Março de 2001, p.07-31

VALLADARES, R. O tchan infantil. Veja, 13 ago. 1997, p. 122-123

VEIGA, A. criança pensando como gente grande. Veja, 16 mai.2001, p.70-72

WERNECK, A. O fim da inocência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 2 set.2001. Caderno B. p.1.

